o laço
Josiel Vieira
virtualbooks

O LAÇO

Josiel Vieira

Era uma vez um gatinho preto que nunca soube como foi parar ali, numa rua fria e chuvosa. A chuva fria o transformava numa bolinha de pêlo encharcada. Seus olhos desesperados de medo olhavam para aqui e para ali, para aqueles sapatos que passavam ao redor dele; a princípio achou que algum deles poderia lhe ajudar.

- Saia da minha frente, seu gato sarnento!

E um chute, e outro chute, e um pisão no seu rabinho, e outro pisão numa de suas patinhas; e os sapatos, cada um com seu caminho traçado, definido, planejado, seguiam adiante como se nada tivesse acontecido. E o pequeno filhote, louco de dor, refugiou-se num canto numa parede.

- Miu! Miu! - ele miava baixinho, trêmulo, olhando a noite ao redor, procurando um pouco de calor, de carinho, ou pelo menos de um pouco de sentido para sua dor, para seu abandono. Então, tremendo, adormeceu, sozinho, em meio a poças sujas e frias...

Meses depois...

Um enorme e elegante gato preto desfilava pelos muros. Seus pêlos negros e sedosos eram lindos. A postura do gato era a perfeita personificação da arrogância; seu olhar extremamente frio era um mudo desafio e um mistério insondável; era o único gato da região que os meninos tinham medo de mexer. O gato simplesmente não fugia quando provocado. Ele se arrepiava em silêncio e esperava pelo momento certo de cravar suas garras na cara do oponente, fosse ele um moleque malcriado, ou um outro gato, uma velha ranzinza ou um cachorro.

Por falar em cachorro, naquela região havia um quintal de uma família feliz em que ultimamente o gato estava

gostando de passear. E o motivo era inusitado: ali ele via uma cachorra pastora alemã ser bem cuidada por aquela família; todos os dias a família inteira brincava com a cachorra, e todos se divertiam, rolando pela grama do quintal. A cachorra, sempre com a língua de fora, latia feliz e pulava no peito de todos.

E atrás da árvore que encobria o muro, uma sombra impassível onde um par de olhos brilhantes e entrecerrados observava a cena que se repetia religiosamente todos os dias.

Duma feita, a família foi viajar e a cachorra ficou sozinha no quintal. Nunca aquilo havia acontecido antes com ela, e por isso ela começou a ganir de tristeza.

O coração do gato, em geral duro e frio, acabou se condoendo por aquela cachorra:

- Miauu... olá. Como vai?

Ao ver o gato, a cachorra avançou contra o muro e passou a latir loucamente.

O gato continuou impassível, com olhos olhos preguiçosamente entrecerrados, olhando para baixo como uma estátua negra.

- Miau... interessante como vocês cachorros sempre latem para as coisas desconhecidas e sinistras... gatos, ladrões, adolescentes legais... tudo o que não pertence à sua família é encarado como um risco por vocês. Por seus donos.

- Au! Au! O quê um gato magricela que nem você pensa que é o quê? - a cachorra latiu mais furiosa ainda.

E antes que ela percebesse, o seu nariz estava sangrando por causa de uma patata rápida e precisa do gato.

- Ao contrário do que dizem por aí, os gatos nunca mentem - e ele passou a lamber sossegadamente o sangue da cachorra que ficou em sua pata.

- O que você quer de mim, gato desgraçado? - a cachorra disse, louca de raiva.

- Miurrrrr... Sei que se sente sozinha. Quero lhe fazer companhia.

- Grrrrrrr! Au! Au! O que você sabe de solidão? Acaso já passou alguma dificuldade na vida? Por acaso já viveu alguma coisa parecida com a dor que estou sofrendo agora? Por acaso você já ficou horas inteiras longe de quem ama? Cain,cain,cain... - e ela começou a ganir de tristeza.

Os olhos frios do gato. Muito frios. Olhos cuja serenidade vinha misturada por uma frieza sem fim, que por sua vez era produto de um mundo de dor, de decepção, de solidão, de violência, e que ninguém nunca, nunca, nunca, nem em um bilhão de eternidades iria saber; olhos frios e que desprezavam o mundo, que desprezavam as criaturas do mundo que nada lhe deram além de desprezo...Passou um tempo antes dele responder, ali sentado no muro, sentado em seu muro, como um silencioso espectro da noite onde duas estrelas brilhavam silenciosamente, misteriosamente, friamente. Um muro a ser transposto.

- Miauuuu.... não, querida. Eu nunca passei o que você está passando. Eu não faço idéia do que é ficar sem ninguém. Deve ser difícil ficar sem aqueles que a gente ama, não é? Talvez eu não conseguisse suportar se estivesse em seu lugar. Mas, mesmo assim, creia-me: eu gostaria de poder lhe ajudar. Me preocupo com você.

- Pois eu lhe aviso que não precisa se preocupar comigo!

- É mesmo? Miauuu.... que mocinha corajosa. Bem, cachorra, devo dizer que,ao contrário dos cães, os gatos não correm atrás de ninguém.

- Au!Au!Au! Pois vocês, gatos, não sabem então como é divertido correr atrás do leiteiro, do carteiro, do jornaleiro... Au, au! E o melhor é dar uma mordida nos traseiro deles!

- Não, menina, não... quando eu digo que os gatos não correm atrás de ninguém, quero dizer: os gatos não possuem essa tolice de fidelidade canina. Por isso, cachorra, se não quer que eu fique aqui, então eu vou embora. Tudo bem. Eu aprendi uma coisa com os vampiros: eu só entro no coração de alguém se for convidado. Passar bem... miauuuu.

E o gato virou solenemente o seu rabo e começou a caminhar languidamente pelo muro.

E diante da solidão que lhe afigurava, a cachorra gritou:

- Ei! Espera aí, seu gato insolente! Não vá embora! Espera! Me conta mais dessa história de vampiros, você conheceu algum vampiro?!

O gato parou. E olhou para trás:

- Mas é claro! Miauuuuu... eu já encontrei com alguns vampiros. Quer que eu conte?

- Sim!

E o gato continuou impassível. Em silêncio. A cachorra demorou um pouco. Depois disse:
- Gato, eu o convido a entrar no meu...
- Ora, "obrigato"!
- ... quintal! eu o convido a entrar no meu quintal, seu pulguento asqueroso! O que você estava esperando que eu dissesse?
- Não faz mal, queridinha, miauuu... - o gato pulou do muro com uma graça e elegância que deixou a cachorra atônita - nós os gatos nos contentamos com pouco. Mas não que eu considere o seu convite pouco. É uma honra para mim.
- Seu gato bobalhão! Estou pouco me lixando para o que seja importante para você. Mas, diga logo de uma vez; conta essa história de vampiros!
- Ah, minha querida, eu conheci alguns vampiros... são criaturas adoráveis. Miau....
- Você está brincando, não é, seu gato imbecil? Como pode chamar de criatura adorável aqueles monstros?!
- Miau! Ah,ah,ah, não estou brincando não, cachorra! É certo que acho esquisito o hábito que eles têm de chuparem o sangue dos humanos, mas eles sempre deixaram eu caçar ratos em seus castelos. Além disso, o meu hábito não é mais extravagante do que os deles.
- Castelos? Não conheço nenhum castelo por aqui, senhor gato "nunca-digo-uma-mentira" - ela rosnou sua desconfiança.
- Os vampiros são uns caras legais - o gato disse, sem se abalar - gostam da noite que nem eu. E, se há um cadáver morto-vivo que sabe seduzir alguém, esse cadáver é o vampiro! Os filhos da mãe sabem encantar, eu tenho que tirar o chapéu. Ou então as orelhas, como naquele desenho animado do gato Félix de 1920. Sabe, sou um gato preto que gosta de filmes e desenhos animados em preto e branco. Talvez por que eu enxergo a vida sem cores.
- O vampiro é um ca-ca-ca-dáver? - a cachorra se arrepiou - que horror! Eu morro de medo de morrer. Você já viu muitos cadáveres?
- Naturalmente - o gato miou com ar entediado - um dos meus lugares prediletos de andanças e miadas é o cemitério. lá dá para ver muita coisa interessante em noites

amaldiçoadas - ele completou. Depois de uma pausa, onde o gato brincou correndo atrás de duas borboletas loucas que escaparam não se sabe de qual lembrança dolorosa, ele continuou - eu próprio me divirto amaldiçoando a vida chata das pessoas. Sabe que elas têm horror a gatos pretos? Eu adoro dar azar para os outros, e uma sexta-feira treze como a que ocorreu agora em outubro, então, é uma festa para mim! eu saio por aí, azarando, fazendo as coisas darem erradas, provocando desencontros, levando pânico a quem diz que não acredita em sortilégios, mas que dentro do coração morre de medo dessas coisas, do desconhecido, de mim... é claro que vez ou outra eu encontro um humano que gosta de gatos... como aquele humano esquisito que sempre usa botas e não tem medo nenhum de passar a mão no meu corpo. Além desse humano esquisito e dos vampiros, já encontrei outras criaturas encantadoras nas minhas andanças noturnas... bruxas, lobisomens, duendes, fadas lunares, magos, feiticeiros, fantasmas, espíritos, demônios, orcs, exus, aparições, góticos, cachaceiros, putas... - o gato foi enumerando com indiferença casual, como quem menciona velhos conhecidos - e você, que tipo de criatura você vê aqui na sua casa?

- Bem... au, au... além da família, vejo os amigos da família... pro seu governo, gato convencido, eu já vi um advogado, dois professores universitários, uma estudante de francês, um médico e um funcionário público. São criaturas adoráveis! Eu tenho uma vida invejável, não é mesmo? Todos me dão a atenção que eu quero.

O gato olhou para a corrente brilhante que segurava a cachorra:

- O que é isso em seu pescoço?

- Isso? Ah, é a prova de que todas essas pessoas gostam de mim. A maneira que os humanos têm de mostrar que gostam de alguém é colocando um laço nesse alguém. Eu uso essa corrente; os meus donos usam um anel dourado nos dedos.

- Miauuuu... isso aí não te incomoda?

- O quê?

- Esse seu laço com a sua casa.

- Au! Au! o que tem de mais? Está com inveja?

- Talvez, cachorra... mas eu não sei se suportaria viver preso. Não sei se agüentaria viver sem poder passear de noite onde eu quisesse, e conversar com um demônio de vez em quando. Não os demônios de cemitério, mas aqueles demônios, sabe? Que habitam nossos corações. É preciso de silêncio e de liberdade para conversar com eles. Para conversar consigo próprio.

- Como você agüenta viver assim? - a cachorra perguntou incrédula. Como poderia existir alguém no mundo tão perverso quanto esse gato miserável? Como pode existir alguém que vive sem laços?

- É divertido! Tente alguma vez na vida viver sem laços, cachorra. Tente alguma vez provocar o caos! Miauuuuuuu!

- Não! - disse a pastora alemã - é preciso regras! Disciplina! Horários! Meus donos, eles saem de casa todo santo dia no mesmo horário; eles colocam comida para mim sempre na mesma hora e me levam para passear todo fim de semana; Minhas visitas ao veterinário são regulares; minhas vacinas são pontuais, tudo aqui é ordem e cheira a dever cumprido, a planejamento, a lógica; eu sei qual o meu papel na vida deles; sei que mais tarde eles arranjarão um cão para cruzar comigo e terei uma ninhada; sei até o preço que meus donos irão pedir por cada filhotinho. E tudo isso já está planejado com antecipação, tudo está checado e definido; há o controle em cada detalhe da vida; aqui não há espaço para o inusitado, para o acidente, para o imprevisível. Aqui as correntes são limpas, polidas e brilhantes. Essa é a minha vida. Essa é a vida dos meus donos. Eles falam com satisfação: essa é a MINHA casa, essa é a MINHA família, essa é a MINHA cachorra, esse é o MEU carro. Aqui não há espaço para as coisas sem dono. Não há espaço para vampiros, para bruxas, para sortilégios, para fantasmas, para fadas, para gatos, para amor. Essas coisas não pertencem a ninguém.

O gato ouviu a tudo em silêncio. Seu olhar impenetrável. Ele se aproximou da cachorra:

- Somos diferentes, querida. Mas permita-me fazer algo - e o gato passou por baixo e esfregou a cauda no queixo dela - Cachorra, se me esfrego em você, é sinal de que gostei de você. E com isso estou jogando em você um laço

muito mais poderoso que essa corrente que usa, ou os anéis dos seus donos. Miaurrrrrrrr....

A cachorra estava espantada. Aquilo não podia ser! eles eram dois universos diferentes; ela era uma cadela de raça e ele um gato de rua, não era possível existir um laço entre eles! Mas enquanto ela pensava, o seu coração já se apertava pelo laço lançado por aquele gato misterioso.

- Gato... eu acho que gostei um pouquinho de você. Mas, veja! Não é possível uma união entre nós! Sequer podemos ter filhotes!...

- Cachorra... você é tão preocupada com o futuro, tão preocupada com suas regras. E mesmo assim, acho você uma gatinha.

- Eu tenho medo do que estou sentindo. O que você fez comigo, gato misterioso?

- Olha, apenas joguei em você a magia mais poderosa que existe. A magia do amor.

E assim surgiu naquele quintal anônimo, numa terça-feira anônima, um estranho laço.

Invisível.

Improvável.

Irresistível.

FIM

15/10/2006